

A decifração do jogo de Guimarães Rosa em “Tutaméia”*



Max Clark de Castro Cunha**

A última obra de Guimarães Rosa, lançada em junho de 67, alguns meses antes do falecimento do autor, recebeu o nome de *Tutaméia*. Apesar de o nome do livro significar “bobagens” ou “chorumelas”, o mesmo oferece 40 contos que mostram a capacidade da obra rosiana estar sempre em discussão na crítica literária. Além disso, é mais um livro que nos desafia a entrar no jogo pretendido pelo autor: decifrar o seu texto.

Como a esfinge de Édipo, Guimarães Rosa propõe ao leitor que decifre a linguagem inovadora e a mensagem que cada texto apresenta. Para orientar o leitor, Rosa cita o filósofo Schopenhauer na epígrafe sumário: “Daí, pois, como já se disse, exigir a primeira leitura paciência, fundada na certeza de que, na segunda, muita coisa, ou tudo se entenderá sob luz inteiramente outra”¹.

No índice de releitura, que fica na última página, Rosa continua a citar o filósofo alemão: “Já a construção, orgânica e não emendada, do conjunto, terá feito necessário por vezes ler-se duas vezes a mesma passagem”². Esta citação é conveniente, pois esclarece o jogo do autor: sua obra deve ser lida com paciência e com bastante atenção.

O jogo se inicia com o prefácio “Aletria e hermenêutica”. Segundo a pesquisadora Vera Novis³, neste prefácio Guimarães Rosa contextualiza seus contos na anedota, na adivinha e nos *koans* do zen. Uma frase que esclarece a obra rosiana é a introdução deste prefácio: “A estória não quer ser história”. Com esta citação Rosa sustenta a aproximação com a anedota. Paulo Rónai, sobre “Aletria e hermenêutica”, escreveu:

Assim “Aletria e hermenêutica” é pequena antologia de anedotas que versam o absurdo; mas é, outrossim, uma definição de “estória” no sentido especificamente guimarães-rosiano, constante de mostruário e teoria que se completam. Começando por propor uma classificação dos subgêneros do conto, limita-se o autor a apontar

* Comunicação apresentada ao XIII Fórum Paraense de Letras - UNAMA. Encontro com Guimarães Rosa.

** CNPq - UFPA.

¹ SCHOPENHAUER, Arthur. *Apud* ROSA, João Guimarães. *Tutaméia*. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.5.

² SCHOPENHAUER, Arthur, *ibidem*, p. 266

³ NOVIS, Vera. *Tutaméia: engenho e arte*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

germes do conto nas “anedotas da abstração”, isto é, nas quais a expressão verbal acena a realidade, inconcebíveis pelo intelecto. Suas estórias, portanto, são “anedóticas” na medida em que certas anedotas refletem, sem querer, “a coerência do mistério geral que nos envolve e cria” e faz entrever “o suprasenso” das coisas⁴.

Os comentários de Rónai expressam bem o perfil da obra rosiana, o “suprasenso das coisas” é o que está além do texto e, sempre que se lê Rosa, deve-se ir além da compreensão centralizada no conto. O prefácio “Aletria e hermenêutica” é uma das poucas pistas que Rosa nos dá e o prefácio faz sentido quando os textos rosianos usam ricamente o recurso da alegoria, sendo a alegoria ou o “anedotismo” nas suas estórias um dos principais obstáculos para a interpretação do livro.

Outras questões a serem levantadas neste desafio de ler a obra rosiana são os neologismos e as construções sintáticas arquitetadas pelo autor mineiro. O bom uso da arte poética deixa rosianos de primeira viagem e até doutos inseguros para interpretá-los. Daí surge outro prefácio: “Hipotrérico”, um neologismo português, que segundo Guimarães Rosa, significa “pessoa pedante” e as pessoas “hipotréricas” são as que querem negar o direito da inovação linguística. O texto é uma apologia à criação da palavra, à diacronia da língua e a quanto a Literatura é fundamental para o processo de enriquecimento de um idioma. Os neologismos e suas construções sintáticas são outro obstáculo a ser ultrapassado no universo rosiano.

Interessante notar que o índice de Tutaméia se apresenta em ordem alfabética, todavia, a partir do conto “João Porém, o criador de perus”, a seqüência foi quebrada: as letras “g”, de “Grande Gedeão” e “r”, de “Reminiscão”, sucedem a letra “j” e, obviamente, formam as iniciais do nome do autor. Paulo Rónai argumenta que Guimarães Rosa modificou a ordem nestes contos pois não queria facilitar para eles, “eles” aqui se leia a crítica. Rónai mostra o que o autor mineiro propunha aos críticos:

Rosa, para quem escrever tinha tanto de brincar quanto de rezar, antegozava-lhes a perplexidade encontrando o prazer em aumentá-la. Dir-se-ia até que neste volume quis adrede submetê-los a uma verdadeira corrida de obstáculos⁵.

É válido lembrar que em alguns idiomas “brincar” e “jogar” são expressas pelo mesmo verbo, como por exemplo, no inglês *to play* e no alemão *spielen*. Então, de forma consciente Guimarães Rosa brincava e queria ver a crítica jogando o seu jogo de “decifração” deixando sua obra cada vez mais hermética, no entanto, de agradável leitura.

Tutaméia, obra esta que se deve considerar de difícil interpretação, até pelo pouco estudo que há sobre ela, oferece 40 novos “universos” rosianos. O livro começa com o conto “Antiperipléia”, narrado em primeira pessoa, e que traz a estória de um guia de cego acusado de negligência por ter deixado seu cego morrer. O cego caiu de um barranco e o texto não deixa claro se ele caiu, se foi empurrado ou matou a si mesmo, o conto mostra que ele se envolvera com uma mulher casada; era uma mulher feia, o guia, por “gracejo”, enganou o deficiente visual dizendo que a mulher era a mais bela. Tanto o marido quanto a mulher acusam o velho de ter sido o culpado por não ser vigilante com o homem; o guia julga que pode ter sido o marido que *ardido por matar e roubar — empuxou o outro abaixo do buracão*⁶, ou pode ter sido a mulher temerosa

⁴ RÓNAI, Paulo. *Os prefácios de Tutaméia*. In: ROSA, João Guimarães. *Tutaméia*. 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 17

⁵ *Idem, ibidem*, p. 16.

⁶ ROSA, João Guimarães. “Antiperipléia”. In: *Tutaméia*. 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 44.

de que o cego recobrasse a visão — já que este dizia recuperá-la — e, assim, descobrisse que ela não era bela como o guia o falara, ou pode ter sido suicídio por ter recuperado a visão e ter visto a mulher.

O guia lamenta a morte de seu dono cego, pois guiá-lo era seu serviço e não aceita que a culpa recaia unicamente sobre ele. O guia decide ir para a cidade grande encontrar um novo dono. Em cima deste conto se pode fazer uma aproximação com a personagem “Grivo”, de “Cara-de-Bronze”, também de Guimarães Rosa, no qual “Grivo” se torna, de certa forma, a visão da personagem “Cara-de-Bronze”, sendo o guia para a busca poética da personagem que dá nome a este conto. Porém, as comparações se limitam a isto, porque “Grivo” cumpre sua demanda positivamente enquanto “Prudencinhano”, o guia de “Antiperipléia”, mentia por “troça” ao seu dono, pois o cego era um conquistador enquanto o servo era um “borracho” aleijão.

Na obra de Rosa, conforme alguns livros críticos mostram, é muito forte a relação entre senhor e dono, sem parecer pejorativo a servidão; como exemplos podem ser citados “Grivo” e “Cara-de-bronze”, o próprio “Prudencinhano” com o seu cego e, também, outra personagem do livro *Tutaméia*, “Ladislau”, de “Intruge-se”⁷. A narrativa deste conto mostra a estória de Ladislau que trazia a boiada para a fazenda do patrão (Seu Drães), no ínterim da travessia ocorre um assassinato, como não deixaria seu patrão sem saber quem foi o assassino, “Ladislau” resolve investigar o caso. Vera Novis faz o seguinte comentário no qual relaciona “Intruge-se” livro *No Urubuquaquá, no Pinhém*.

Seu Drães é um personagem muitas vezes invocado (sete vezes nomeado), mas ausente em “Intruge-se”, a sua relação com Ladislau lembra, por esse aspecto, a do “Cara-de-Bronze” (*Corpo de Baile*) com o Grivo e demais vaqueiros e, mais ainda com o compadre Quelemém de *Grande Sertão: Veredas* com Riobaldo. Seu Drães mais que um patrão é uma espécie de guia, de modelo para Ladislau. Conduzindo a boiada, este ocupa a posição do patrão. Ali ele é o chefe. A frase exclamativa “dar conta daquilo!” indica a consciência de Ladislau da importância de sua tarefa⁷.

Isto remete a Sancho Pança que cumpria com respeito as vontades de Dom Quixote. As três personagens tanto de “Cara-de-Bronze” como dos outros contos de *Tutaméia* citados sabem da responsabilidade das demandas por eles recebidas.

Os contos de *Tutaméia* foram publicados na revista de medicina *Pulso* antes de fazer parte do livro. Esta obra, apesar de ser chamado também de *Terceiras estórias* é o segundo livro de contos curtos de Guimarães Rosa, por motivos desconhecidos não há “Segundas estórias” entre as *Primeiras estórias* e as “Terceiras”, como um *koan* do zen: não há explicação.

As obras rosianas chegam a ser “surreais”, no sentido amplo desta palavra, pois a primeira vista causa impacto, assim como a obra de Dalí, mas prestando atenção ver-se-á além daquela visão fechada e ter-se-á uma compreensão possível do objeto artístico, a mensagem está escondida na obra, seja na pintura surreal ou na obra rosiana.

O universo de Rosa que se “pinta” de sertão e sertanejo, leva a caminhos sempre maiores, neste universo se fala de Platão, Schopenhauer e outros filósofos e é, tam-



⁷ NOVIS, Vera. *Tutaméia: engenho e arte*. São Paulo: Perspectiva, 1989. p. 7.

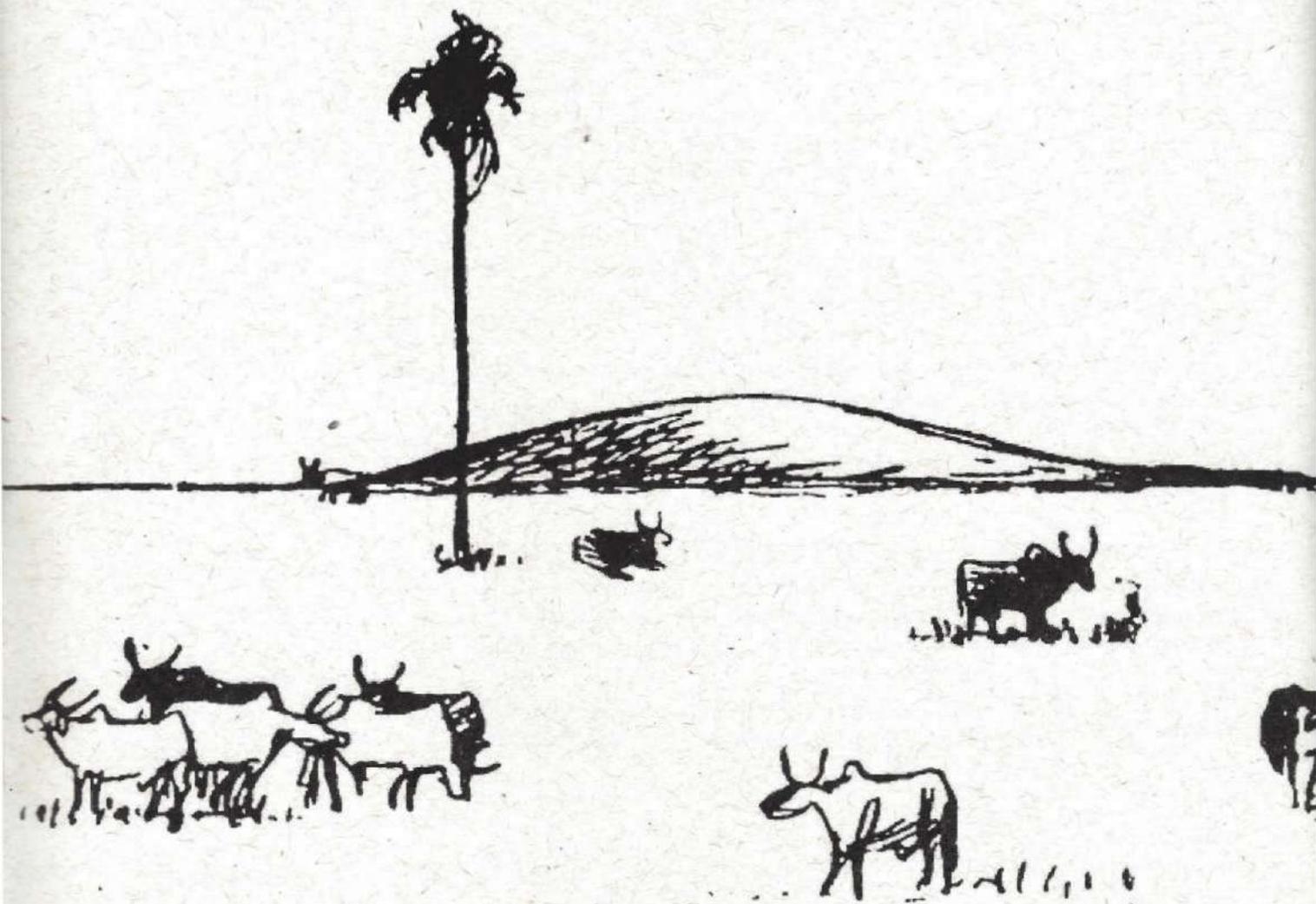
bém, o universo de Goethe e Dostoievski, entre outros, pois o regionalismo, de forma paradoxal, leva sempre ao universal. Guimarães Rosa era, além de ser escritor, médico, diplomata, falante de vários idiomas e um assíduo leitor: Literatura, Filosofia e estudos metafísicos faziam parte das suas leituras; fez pesquisa de campo no sertão brasileiro sobre a flora, a fauna e costumes lingüístico-culturais desta região para recriá-lo no sertão fictício. Todo este conhecimento foi fundamental para criar personagens e enredos ricos em alegoria e símbolos. Rosa é um autor, muitas vezes, difícil, penetrar nas suas obras não é passar por caminho de mão única, todavia há vários caminhos.

Os contos de Tutaméia, ainda que curtos, não fazem deles pórticos às outras obras do autor mineiro, as *Terceiras estórias* são contos que devem ser mais estudados e divulgados. Pouco se falou sobre este livro e Paulo Rónai definiu bem o que significa o último trabalho feito em vida de Rosa:

Por menores que sejam, esses contos não se aproximam da crônica; são antes episódicos cheio de carga explosiva, retratos que fazem adivinhar os dramas que moldaram as feições dos modelos, romances em potencial comprimidos ao máximo⁸.

Tutaméia repete a fórmula rosiana sendo singular como todas as outras obras do autor mineiro são únicas. Rosa gostava de brincar com a estrutura dos gêneros da narrativa, seus contos podem ser novelas ou, ainda, roteiros, ele apesar de ser romancista, gostava de ser chamado de contista. Fez muitos leitores enfrentarem os obstáculos e fazerem estudos sobre suas obras, entre eles está Benedito Nunes que é referência

⁸ RÓNAI, Paulo. *As estórias de Tutaméia*. In: ROSA, João Guimarães. *Tutaméia*. 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 21.



nos estudos da obra rosiana. Sua obra também foi traduzida por vários idiomas: alemão, inglês, francês, italiano, etc.

O jogo pretendido por Rosa não apresenta vencedores e perdedores. Guimarães Rosa ganhou por ter recriado de maneira surpreendente o sertão, usou todos os recursos da arte poética que o fizeram entrar para o cânone da Literatura brasileira; o leitor ganha por ter em mãos uma obra enriquecedora que leva a muitos campos do conhecimento humano, ganha por conhecer o sertão existente e inexistente e ganha pela obra de arte que tem nas mãos: a mimese, a alegoria, os símbolos e arte poética que inovaram a literatura do Brasil, todavia *Tutaméia* e outras obras de João Guimarães Rosa continuam “inóspitas” a grande massa de leitores. O grande prêmio nesta vereda de obstáculos, por si só, é ler a obra rosiana.

Referências

NOVIS, Vera. *Tutaméia: engenho e arte*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

RÓNAI, Paulo. *Os prefácios de Tutaméia*. In: ROSA, João Guimarães. *Tutaméia*. 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 14-20.

RÓNAI, Paulo. *As estórias de Tutaméia*. In: ROSA, João Guimarães. *Tutaméia*. 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 21-28.

ROSA, João Guimarães. *Tutaméia*. 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

